

PREFÁCIO DOS *PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA CARTESIANA*

LUÍS MEYER

APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO DE HOMERO SANTIAGO¹

Em 1663, Espinosa publica uma exposição do sistema cartesiano com o título: *Partes I e II dos Princípios da Filosofia de René Descartes demonstradas à maneira geométrica*; a ela são somados em apêndice os *Pensamentos metafísicos nos quais são brevemente explicadas as questões mais difíceis que ocorrem tanto na parte geral da metafísica como na especial*.

A obra nasceu de aulas a um jovem universitário a quem o filósofo prometera o ensino da física cartesiana, o que se deu maiormente por uma explicação da segunda parte dos *Princípios da filosofia* (obra publicada por Descartes em 1644). É o próprio autor que nos narra em detalhe a origem do livro:

Alguns amigos pediram que eu lhes fizesse cópia de certo tratado que contém, brevemente, a segunda parte dos *Princípios* de Descartes demonstrada à maneira geométrica e as principais questões tratadas na metafísica; tratado que eu ditara a um jovem a quem não queria ensinar abertamente minhas opiniões. Depois, pediram-me que antes organizasse também a primeira parte pelo mesmo método. Eu, para não contrariar os amigos, de pronto acedi à elaboração e elaborei-a em duas semanas e entreguei aos amigos, que me pediram enfim que lhes permitisse editar tudo aquilo, o que puderam conseguir facilmente, sob a condição de que algum dentre eles, em minha presença, adornasse-o com um estilo mais elegante e acrescentasse um pequeno prefácio em que advertisse o leitor que não reconheço como meu tudo o que está contido no tratado, *visto ter escrito nele não poucas coisas sobre as quais penso todo o contrário*, e que desse um ou outro exemplo. Coisas todas que me prometeu fazer um amigo, que cuida da edição desse livrinho, e por causa disso demorei-me algum tempo em Amsterdã. (carta de 17/27-7-1663).

Quem fica com a incumbência da edição e do prefácio é Luís Meyer (Ludovicus Meyer ou Lodewijk Meijer; 1629-1681), um dos mais próximos amigos de Espinosa, doutor em filosofia e medicina, dicionarista, tradutor, futuro diretor do teatro de Amsterdã (1665-

1668) e autor de uma obra em que busca aplicar a razão à interpretação das Escrituras (*A filosofia intérprete das Sagradas Escrituras*, 1666). Meyer redige o texto e o submete a Espinosa; este, por sua vez, o lê, pede algumas modificações e finalmente dá sua chancela.

Ora, ao apresentar os *Princípios da filosofia cartesiana* e explicar o propósito do autor, Meyer produziu um texto de suma importância, sem a menor dúvida o documento que melhor nos permite avaliar as relações entre o espinosismo e o cartesianismo, especialmente no que se refere à questão central do método apropriado à filosofia. Sobre o mundo do saber, ele dirá, só havia as trevas da incerteza, com a nobre exceção da matemática, até que Descartes, “o mais esplêndido astro do século”, deu à filosofia “fundamentos inconcussos” construídos “com ordem e certeza matemática”. Não o fez, porém, continua o prefaciador, seguindo a melhor das vias, aquela encontrada nos *Elementos* de Euclides; e daí o escopo de Espinosa: expor geometricamente os princípios de uma filosofia que, geométrica embora em sua origem, não o era com o devido rigor. Tais explicações nos conduzem ao próprio cerne do tema do método geométrico; e descobrimos como Espinosa, se soube compreender toda a riqueza das inovações cartesianas, por outro lado não deixou de demarcar-se claramente do francês, tomando em sua filosofia – para usar a fórmula do prefácio – “uma outra via que a aberta e palmilhada por Descartes”.

É uma tradução desse texto capital de Luís Meyer, até onde sabemos inédito em português, que ora propomos.

O texto latino oferecido e sobre que se baseou a tradução foi retirado da edição das obras de Espinosa por Gebhardt: *Opera*, Heidelbergue, Carl Winters Universitætbuchhandlung, 1974, 4 v. (1ª ed. 1925), e cotejado com outras duas edições: a original de 1663 e a de Van Vloten e Land: *Opera quotquot reperta sunt*, Hagæ Comitum apud Martinuni Nijhoff MCMXIV, Editio tertia, 2 v. (1ª ed. 1883). Afora algumas poucas

¹ Professor do departamento de Filosofia da USP.

correções de evidentes erros de imprensa, procedemos a uma única modificação no texto de Gebhardt, a qual aparecerá devidamente assinalada.

Por último, para uma consideração mais ampla da importância do prefácio de Meyer e das questões por ele levantadas, tomamos a liberdade de remeter ao nosso trabalho: *Espinosa e o cartesianismo. O estabelecimento da ordem nos "Princípios da filosofia cartesiana"*, São Paulo, Humanitas & Fapesp, 2004.



AO SINCERO LEITOR

LUÍS MEYER

dá suas saudações

É opinião unânime de todos que querem saber além do vulgar que o método dos matemáticos para investigar e transmitir as ciências, isto é, aquele em que se demonstram as conclusões a partir de definições, postulados e axiomas, é a melhor e mais segura via para indagar e ensinar a verdade. E isso com toda justiça. Pois de fato, como todo conhecimento certo e firme de uma coisa ignorada não se pode haurir e derivar senão de coisas previamente conhecidas com certeza, estas necessariamente hão de ser desde baixo primeiro construídas, como um estável fundamento sobre o qual se assente logo depois, a fim de que não ceda espontaneamente nem vá à ruína por um mínimo ímpeto, todo o edifício do conhecimento humano. Ora, que sejam desse jaez as coisas que soem vir com freqüência sob o nome de definições, postulados e axiomas entre os cultores da matemática, ninguém que tenha saudado esta nobre disciplina não mais que do limiar poderá duvidá-lo. As definições, com efeito, nada mais são que explicações assaz transparentes de termos e nomes com que se designam as coisas a serem tratadas; já os postulados e axiomas, ou noções comuns do espírito, são enunciados tão claros e perspicuos que ninguém, contanto tenha apenas entendido corretamente os vocábulos, pode de alguma forma negar-lhes o assentimento.

No entanto, ainda que as coisas se passem assim, não encontrarás todavia, se excetuas as matemáticas, quase nenhuma disciplina redigida por esse método; mas com outro, diametralmente diverso, pelo qual todo o assunto é deslindado através de definições e divisões continuamente concatenadas entre si e aqui e ali entremeadas por questões e explicações. Com efeito, dos que se envidaram em constituir e redigir as ciências, quase todos julgaram, e muitos ainda agora julgam, que aquele método é peculiar às disciplinas matemáticas e que todas as outras o rejeitam e desprezam. Donde se deu que, seja o que for que tragam a público, não o demonstrem com quaisquer razões apodíticas, mas apenas se esforcem

em garantir com verossimilhanças e argumentos prováveis, razão por que dão a lume uma enorme ferrã de grandes livros em que nada de estável e certo descobrirás; mas estão todos repletos de contenção e divergência e o que é por um de algum modo confirmado com raciocínios curtos e levianos, é de pronto confutado por outro, arruinado e demolido com as mesmas armas, a tal ponto que a mente, ávida por uma verdade imóvel, onde pensava encontrar o tranqüilo lago de seus afãs, que pudesse atravessar em curso seguro e próspero e com esta travessia finalmente apossar-se do desejado porto do conhecimento, vê-se ela flutuando no mar impetuoso das opiniões, circundada pelas tempestades de contenções e atirada e arrebatada incessantemente pelos turbilhões de incertezas, sem nenhuma esperança de emergir deles.

Não faltaram alguns todavia que pensaram diferente daqueles e, condoídos dessa miserável sorte da filosofia, apartaram-se da via de transmitir as ciências por todos trilhada e ingressaram numa nova, de seguro árdua e abundante em dificuldades, a fim de legarem à posteridade as demais partes da filosofia, além da matemática, demonstradas com método e certeza matemáticos. Desses, uns reduziram a essa ordem a filosofia já recebida e costumeiramente ensinada nas escolas, outros ofereceram ao orbe literário uma nova, descoberta pelo próprio marte. E embora essa empresa fosse longamente auspiciada por muitos com írrito sucesso, surgiu finalmente o mais esplêndido astro de nosso século, René Descartes, quem, após ter levado das trevas à luz pelo novo método tudo quanto na matemática fora inacessível aos antigos e quanto pudesse ser desejado por seus contemporâneos, erigiu os fundamentos inconcussos da filosofia, sobre os quais se podem construir com ordem e certeza matemática inúmeras verdades, como o próprio realmente demonstrou e aparece mais claro que a luz meridiana a todos que com zelo aplicaram o espírito a seus escritos, nunca bastante louvados.

E embora os escritos filosóficos desse nobilíssimo e incomparável homem contenham a ordem e a maneira matemática de demonstrar, não foram porém lavrados pela mais comum, utilizada nos *Elementos* euclidianos e pelos demais geômetras, em que as proposições e suas demonstrações subordinam-se a definições, postulados e axiomas previamente dados; mas por outra, muito diversa dessa, e que o próprio chama de verdadeira e melhor via de ensinar e também de *analítica*. Com efeito, ao fim das *Resp. às seg. obj.* ele reconhece uma dupla maneira de demonstrar apoditicamente; uma por análise, *que mostra a verdadeira via pela qual uma coisa foi descoberta metodicamente e como a priori, etc.*; outra por síntese, *que utiliza uma longa série de definições, petições, axiomas, teoremas e problemas, para de imediato mostrar, se algo dos conseqüentes for negado, que isso está contido nos antecedentes, e assim extorquir o assentimento do leitor, por repugnante e pertinaz que seja, etc.*

Entretanto, ainda que em ambas as maneiras de demonstrar ache-se uma certeza posta fora do risco de toda dúvida, não se apresentam ambas igualmente úteis e cômodas a todos. Inúmeros, com efeito, completamente rudes nas ciências matemáticas, e assim de todo ignorantes do método pelo qual foram redigidas, o sintético, e descobertas, o analítico, não conseguem nem seguir por si próprios nem exhibir aos outros as coisas tratadas nesses livros, apoditicamente demonstradas. Donde ocorreu que muitos que deram nome a Descartes, ou arrebatados por um cego impulso, ou levados pela autoridade de outros, guardaram tão-somente de memória a posição e os dogmas dele, e quando lhes ocorre uma conversa sobre isso, só sabem palrar e tagarelar sobre tais coisas, mas nada demonstrar, tal como outrora foi praxe, e ainda hoje é, aos sequazes da filosofia peripatética. Em virtude disso, para prestar-lhes algum subsídio, um sem número de vezes desejei que alguém perito tanto na ordem analítica quanto na sintética e sobretudo versado nos escritos de Descartes e profundo conhecer de sua filosofia metesse mãos à obra e quisesse reduzir à ordem sintética e demonstrar à maneira mais familiar aos geômetras o que ele redigira pela ordem analítica. E inclusive eu próprio, embora bem cômico de minhas fraquezas e quão inferior eu seja a tamanho trabalho, amiúde tive em mente executá-lo e até o encetei, mas outras ocupações, pelas quais sou muito reiteradamente solicitado, impediram-me de levá-lo a cabo.

Foi-me assim gratíssimo saber de nosso autor que ele ditara a um discípulo seu, enquanto ensinava a

filosofia de Descartes, toda a segunda parte dos *Princípios* e parte da terceira demonstradas àquela maneira geométrica, bem como as principais e mais difíceis questões aventadas na metafísica e ainda não elucidadas por Descartes; e que concedera a dar a lumentais coisas, tendo os amigos com empenho reivindicado e conseguido isso, uma vez corrigidas e por ele aumentadas. Donde também eu aprovei-o e em simultâneo ofereci de grado minha ajuda, caso a precisasse para a edição, e ademais aconselhei, ou melhor, roguei que reduzisse em semelhante ordem e antepusesse àquelas igualmente a primeira parte dos *Princípios*, com o que assunto, desde o início disposto desse modo, pudesse ser mais bem entendido e mais agradar; vendo apoiar-se isso em boas razões, não quis ele dizer não nem aos pedidos do amigo nem à utilidade do leitor; e além do mais entregou aos meus cuidados as tarefas tanto concernentes à impressão quanto à edição, o que, por viver no campo, distante da cidade, não podia acompanhar.

Eis então o que damos a ti, sincero leitor, neste pequeno livro: a primeira e a segunda partes dos *Princípios da filosofia* de René Descartes e ao mesmo tempo um fragmento da terceira, ao que juntamos sob o nome de apêndice os *Pensamentos metafísicos* de nossa autor. Na verdade, quando nós dizemos aqui e também o título do livro promete a primeira parte dos *Princípios*, não queremos que isso seja entendido como se tudo quanto nela foi dito por Descartes tivesse sido cá apresentado, demonstrado com ordem geométrica, mas apenas se tomou a denominação mais forte; de forma que as principais coisas concernentes à metafísica e que Descartes tratou em suas *Meditações*, foram daí recolhidas (todas as restantes, que são de consideração lógica e apenas historicamente narradas e recenseadas, sendo deixadas de lado); as quais ainda, para que mais facilmente as deslindasse, o autor trouxe para cá palavra por palavra quase tudo que Descartes dispôs com ordem geométrica ao fim das *Resp. às seg. obj.*; pondo à frente todas as definições daquele e inserindo as suas próprias proposições, sem contudo posicionar os axiomas no contínuo das definições, mas intercalando-os só após a quarta proposição e alterando-lhes a ordem, a fim de que pudessem ser mais facilmente demonstrados, e omitindo alguns de que não precisava. E embora não escape a nosso autor que esses axiomas (como também sustenta o próprio Descartes no post. 7) possam ser demonstrados à guisa de teoremas e vir mais bem arrançados sob o nome de

proposições, e nós também tenhamos pedido que o levasse a efeito, todavia, assuntos mais urgentes em que está empenhado concederam-lhe um ócio de apenas duas semanas, nas quais foi forçado a acabar a obra; e foi este o motivo por que não pôde satisfazer nem ao seu nem ao nosso desejo, mas tão-somente adicionar uma breve explicação que pode fazer as vezes de demonstração, e protelou para outra ocasião uma maior e a todos os títulos absoluta, se, depois de esgotada esta edição, acaso seja preparada uma nova. Para a qual nos esforçaremos em conseguir dele que aumente, que acabe toda a terceira parte sobre o mundo visível (de que juntamos apenas um fragmento, já que o autor pôs aqui fim à instrução, por pequeno que fosse não quisemos privar dele o leitor). E para que isso seja efetuado do modo devido, haverão de ser aqui e ali entressachadas algumas proposições sobre a natureza e as propriedades dos fluidos, o que então farei do meu melhor para obter ao autor.

E não apenas ao propor e explicar os axiomas, mas também ao demonstrar as proposições e demais conclusões, nosso autor muito amiúde afasta-se de Descartes e utiliza provas bem diferentes das dele. O que ninguém interprete como se quisesse ele corrigir aquele claríssimo homem, mas saiba que o fez apenas a fim de que pudesse melhor reter sua ordem já adotada e não aumentasse demasiado o número de axiomas. E pela mesma razão foi ainda obrigado a demonstrar inúmeras coisas que Descartes propôs sem nenhuma demonstração e que deixou completamente de lado.

Todavia, gostaria que se advertisse em primeiro lugar que nisso tudo, tanto nas 1ª e 2ª partes dos *Princ.* e no fragmento da terceira quanto em seus *Pensamentos metafísicos*, nosso autor propôs as meras posições de Descartes e suas demonstrações, conforme encontram-se nos escritos dele ou tais quais deviam ser deduzidas por legítima consequência a partir dos fundamentos por ele lançados. Com efeito, como prometera a seu discípulo ensinar a filosofia de Descartes, fez-se-lhe religião não distanciar-se uma unha da posição desse nem ditar algo que ou não correspondesse ou fosse contrário aos dogmas dele. Por isso é que não julgue ninguém que ele ensina aqui ou coisas suas ou apenas as que aprova. Com efeito, embora julgue umas verdadeiras e confesse ter acrescentado algumas das suas, ocorrem muitas todavia que ele rejeita como falsas e a propósito das quais acalenta uma posição bem diversa. Dentre outras desse tipo, para mencionar apenas um das muitas, há as que

se têm sobre a vontade no *esc. da prop. 15 da 1ª parte dos Princ. e no cap. 12 da 2ª parte do Apêndice*; embora pareçam provadas com grande desvelo e aparato. De fato, ele não a estima distinta do intelecto e muito menos que seja dotada de tal liberdade. Desta sorte, ao asserir isso, como transparece na *4ª parte do Disc. do método e na 2ª Medit.* e em outros lugares, Descartes apenas supõe, não prova, ser a mente uma substância absolutamente pensante. Ao contrário, nosso autor admite por certo haver na natureza das coisas a substância pensante, nega todavia que ela constitua a essência da mente humana, mas estabelece que, do mesmo modo como a Extensão não é determinada por quaisquer limites, tampouco o Pensamento é determinado por quaisquer limites; de forma que tal como o Corpo humano não existe absolutamente, mas apenas a extensão determinada de modo certo pelo movimento e repouso segundo as leis da natureza extensa, assim também a mente ou alma não existe absolutamente, mas apenas o pensamento determinado de modo certo pelas idéias segundo as leis da natureza pensante, e ele, conclui-se, dá-se necessariamente quando o corpo humano começa a existir. Definição a partir da qual o autor crê não ser difícil de demonstrar que a Vontade não se distingue do intelecto, e muito menos possui aquela liberdade que lhe adscribe Descartes; e há mais, que a própria faculdade de afirmar e negar é completamente fictícia; o afirmar e o negar nada são além de idéias; já as demais faculdades, como o Intelecto, o Desejo etc., devem ser contadas no número das ficções, ou ao menos no das noções que os homens formaram por conceber as coisas abstratamente, quais sejam, a humanidade, a pedridade, e coisas do gênero.

E tampouco cumpre passar por cima do fato de que deve ser entendido no mesmo sentido, isto é, dito apenas a partir do pensamento de Descartes, o que se encontra em alguns lugares: *isso ou aquilo supera a compreensão humana*. Nem deve ser recebido como se o proferisse nosso autor a partir de sua própria posição. Ele julga que todas essas coisas, com efeito, e ainda várias outras mais sublimes e sutis, podem ser não apenas clara e distintamente concebidas por nós como também muito comoadamente explicadas; contudo que o intelecto humano, na investigação da verdade e no conhecimento das coisas, conduza-se por uma via outra que a aberta e palmilhada por Descartes; e assim, os fundamentos das ciências erigidos por Descartes, e o que sobre eles foi edificado pelo próprio, não são suficientes para elucidar e resolver todas as mais difíceis

questões que ocorrem na metafísica, mas se requerem outros, se desejamos alçar nosso intelecto ao fastígio do conhecimento.

Ao cabo, para dar fim ao prefácio, queremos que os leitores não ignorem que se divulgam estes tratados sem outro fim que indagar e propagar a verdade e com o fito de incitar os homens ao estudo da verdadeira e sincera filosofia; de modo que todos, escrupulosamente advertidos, antes de se lançarem à leitura, para poderem dela colher o abundante fruto que de coração lhe desejamos, queiram inserir em seus lugares certas coisas omitidas e corrigir cuidadosamente os erros tipográficos que se esgueiraram; com efeito, entre estes há alguns que podem pôr óbice a que sejam corretamente percebidas a força da demonstração e o pensamento do autor, como qualquer um depreenderá facilmente com uma inspeção deles.

